

A REPETIÇÃO E O NOVO NOS SINTOMAS CONTEMPORÂNEOS

REPETITION AND NEW IN CONTEMPORARY SYMPTOMS

João Mendes de Lima Junior

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

joao_mendes_pb@hotmail.com

RESUMO: As mudanças ocorridas na esfera sociocultural têm causado mudanças no que diz respeito às formas de subjetivação do sujeito contemporâneo. O contemporâneo faz exigência de um tipo de subjetivação condizente com os paradigmas atuais exigindo dos sujeitos um conjunto de novos arranjos subjetivos que lhe permitam acompanhar esse novo estado de coisas. O surgimento dessas demandas desencadeia toda uma conjuntura de mal-estar que difere em muito dos fatores causadores de angústia de outras épocas, sobretudo se comparados com a modernidade. Este novo *status* do mal-estar culmina no que se convencionou chamar de “sintomas contemporâneos”. Partiremos dos fundamentos da psicanálise na orientação lacaniana a apresentação referente aos “sintomas clássicos”. O presente trabalho insere-se no conjunto de tentativas atuais de explicação da clínica a partir da perspectiva psicanalítica. Parte-se do pressuposto de que, se há evidências da existência de novas formas de manifestação de sintomas na clínica contemporânea, os novos sintomas são envoltórios novos para as estruturas clínicas já conhecidas. Ao cabo desse percurso defenderemos

a ideia de que as modificações que incidem nos sintomas contemporâneos alcançaram o plano da aparência, ou seja, *envoltório formal do formal* do sintoma, mas não sua estrutura.

PALAVRAS-CHAVES: Psicanálise; Contemporaneidade; Sintoma.

ABSTRACT: The changes in the sociocultural sphere have caused changes in relation to forms of subjectivity of the contemporary subject. The contemporary causes demand for a type of subjectivity consistent with current paradigms of subjects requiring a subjective set of new arrangements that enable it to monitor this new state of affairs. The emergence of these demands triggers an entire environment of malaise which differs considerably from factors causing distress to other periods, especially compared with modernity. This new status of malaise culminated in what we call “contemporary symptoms”. We will begin of fundamentals of Lacanian psychoanalysis presentation regarding the “classic symptoms”. This work falls within the range of current attempts to explain the clinic from the psychoanalytic perspective. Assuming that if there is evidence of the existence of new forms of manifestation of symptoms in contemporary clinical practice, new symptoms are wrappers for new clinical structures known. In this work, we will defend the idea that the changes that occur in contemporary symptoms reached the level of appearance, or formal wrap symptom, but not its structure.

KEY-WORDS: Psychoanalysis; Contemporary; Symptom.

“Se a Viena de Freud teve como subproduto clínico a histeria, quais as implicações entre a cultura contemporânea e as manifestações psicopatológicas que inquietam a todos, e sobretudo aos analistas em seus consultórios?”(MAIA, 2001, p.67)

A contemporaneidade tem causado mudanças no que diz respeito às formas de subjetivação. As mudanças ocorridas na esfera sociocultural têm exigido intransigentemente do sujeito contemporâneo um tipo de subjetivação condizente capaz de permitir a assimilação de tais mudanças. A contemporaneidade se nos apresenta com um repertório de elementos estruturantes sutilmente diferentes dos elementos que compunham o ‘espírito de época’ da modernidade; visivelmente tais nuances têm exigido dos sujeitos um conjunto de novos recursos que lhe permitam acompanhar esse novo estado de coisas. O surgimento dessas demandas desencadeia toda uma conjuntura de mal-estar que difere em muito dos fatores causadores de angústia de outras épocas, sobretudo se comparados com a modernidade.

Nesse panorama, cabe uma reflexão sobre o que há de repetição bem como o que há de novidade em alguns dos sintomas que ora se apresentam no cotidiano clínico. Assim sendo, objetivamos apresentar contribuições e subsídios que permitam compreender, à luz da Psicanálise, alguns dos fundamentos dos sintomas contemporâneos.

No artigo *Recordar, Repetir e Elaborar*, Freud (1914) acentua um dos aspectos da compulsão, qual seja, a repetição. Aqui não se trata mais de uma simples repetição que, em meio à relação transferencial, tendia ao prazer. Pelo contrário trata-se de um tipo de repetição que subverte terminantemente

o princípio de prazer uma vez que corresponde a repetição de situações penosas. Nesse caso Freud surpreende com a constatação que tal repetição tem caráter compulsivo, uma força suficiente para compelir o sujeito a repetir; Freud conclui que a compulsão à repetição é movida pela pulsão de morte.

Evidentemente nem toda repetição é movida pela pulsão de morte. Nem toda repetição visa *desestabilizar* o fluxo das cadeias associativas no aparelho psíquico. Ao contrário, uma repetição pode ter o propósito de reeditar determinados elementos para que possam ser reorganizados e atualizados. Assim, a contemporaneização das representações psíquicas é também consequência de um processo de repetição.

Doravante denominaremos o ‘contemporâneo’ e seus derivados a partir de duas acepções: a) significando a atualidade da vida do sujeito¹ e; b) o período histórico que os historiadores apontam como o que sucedeu a Era Moderna, nesse caso, a Era Contemporânea²³.

O contemporâneo -entendido como o momento atual da vida, o momento presente, aquilo que diz respeito a mesma época na qual se vive- exige do psiquismo um contínuo e constante processo de contextualização. Cada nova etapa da vida de um sujeito exige-lhe um incessante esforço por traduzir para uma linguagem atual tudo aquilo que fora inscrito em linguagem ‘primitiva’. Na carta 52 endereçada à Fliess ou nos modelos gráficos usados em ‘*A Interpretação dos Sonhos*’ vê-se que Freud já esboça um conjunto de evidências de que cada nova etapa da vida do sujeito exige-lhe uma atualização, uma contemporaneização das experiências progressas.

Tendo como parâmetros o modelo da carta 52, podemos pensar que quando um elemento é transposto de um lugar para outro, de uma época para outra, de uma cena para outra, há aí um processo de repetição. A singularidade do psiquismo é que esse elemento transposto terá de ser necessariamente contemporaneizado para não ter o risco de se tornar algo estranho ou estrangeiro, caso a tradução não aconteça. Assim sendo, a repetição não pode ser confundida com um mero processo de reprodução.

Lacan (p.52) insiste que “...nos textos de Freud, repetição não é reprodução... reproduzir, é o que se acreditava poder fazer no tempo das grandes esperanças de catarse...”. Embora a repetição pareça, num primeiro momento, como algo da ordem de uma reprodução, uma presentificação, há nesse movimento algo que vai muito além de uma reapresentação, ou seja, cada nova etapa compele a uma nova versão sobre os registros outrora inscritos, um texto que possa estar conectado aos acontecimentos atuais da vida do sujeito. Portanto, não se trata de reprodução, reprografia; trata-se mesmo de uma repetição que aponta para uma atualização.

Cabe aqui uma questão: no sintoma, o que é reproduzido (originado do passado) e o que há de atual? Pensando a forma do sintoma como literalmente metafórico tal qual pensado por Lacan (1995, p.403), para que o sentido seja produzido, uma metáfora é sempre influenciada pelas resignificações às quais o sistema lingüístico está submetido. As leis que regem o sistema linguístico permanecem inalteradas, mesmo que haja mutações em função do contexto social e histórico no plano do significante ou no plano do significado. Aqui cabe uma primeira aproximação com as contribuições

de Saussure (1996) para que, em analogia, se possa compreender a mudança fenomenológica que ocorre no sintoma contemporâneo. Segundo este autor, “o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia” (p.135). O valor que caracteriza e especifica um determinado signo na multidão do sistema de signos decorre da relação que o signo estabelece com seu entorno. Saussure é contundente quando diz que critica a suposição de um valor material real para o signo, “defini-lo assim seria isolá-lo do sistema do qual faz parte” (p.132). Em sendo a relação entre significante e significado no interior do signo arbitrária por princípio, a conclusão saussureana é que o signo tem seu valor encerrado pela relação com os demais signos⁴. Pode-se deduzir que o signo adquire seu valor na relação com um referente externo, se há mudanças e reconfigurações no campo do referente externo (como as mudanças no âmbito das ‘convenções’ e discursos) o significado e o valor do signo também mudam. É razoável supor que a colocação de um determinado significante num discurso terá diferentes conotações em função do significado que prevalecer no contexto ou no entorno. Isso produz um efeito sensível no plano da significação e do sentido do signo, sobre tudo no que diz respeito aos elementos mais sofisticados da linguagem tais como as figuras de linguagem, dentre elas destaca-se o impacto que tais mudanças exercem na metáfora, por exemplo. As variações que incidem no significado, orquestradas por mudanças ocorridas nas ‘convenções’ lingüísticas, implicam necessariamente em mudança na formulação das metáforas. Por analogia, considerando que o sintoma é uma ‘metáfora’,

‘o sentido’ do sintoma é também impactado pelas mudanças ocorridas nos referentes que lhe conferem o valor, ou seja, balizam seu sentido. É plausível supor que o sintoma — que é regulado pelo discurso⁵, que por sua vez, rege a metáfora —, também será alvo de mudança na proporção em que ocorrerem mudanças nas ‘convenções da comunidade lingüística’ ou nos discursos. O sistema repete e preserva suas leis, mas os significantes são contemporaneizados dadas às mudanças no referente externo.

O sintoma é ‘um modo de dizer’ sobre o sofrimento que tem uma profunda articulação com o contexto sociocultural. Não é por menos que a sua forma de apresentação, seu caráter plástico, muda em decorrência de mudanças no plano cultural. O que é pertence à base constitutiva da formação do sintoma permanece intacta, como estrutura, e tende a ser repetido. Na condição de metáfora, de alegoria, o sintoma possui uma espécie de plástica passível de ser moldada e regulada em função de mudanças ocorridas na esfera do discurso.

Além de não concordar que a repetição corresponda a uma reprodução, Lacan (Idem) afirma que “... *não se trata em Freud de nenhuma repetição que se assente no natural, de retorno da necessidade... a repetição demanda o novo. Ela se volta para o lúdico que faz, desse novo, sua dimensão...*”. O que na repetição aponta para o novo exige do aparelho psíquico um rearranjo, um redimensionamento daquilo que fora inscrito. É isso que permite que as mutações no *zeitgeist* contemporâneo, na condição de algo novo, exerçam influência sobre o sintoma, isto é, o fato do vetor da

repetição apontar para o novo dá ao Contemporâneo a possibilidade de inscrever-se e provocar mudanças na caracterização do sintoma.

Faz-se necessária a distinção da noção de presentificação da noção de contemporaneização. Por presentificação deve-se entender o ato de trazer para o presente, corresponde ao retorno de protótipos de experiências passadas; por outro lado, no que diz respeito ao aparelho psíquico, por contemporaneização, deve-se entender que há, além do retorno, um movimento que tem como característica a exigência de que o retorno não se esgote em si, ou seja, que os elementos que retornam sejam necessariamente atualizados, recontextualizados, ressignificados, etc.

Como tem se operado as mudanças no plano do discurso? Que metáforas mudaram? O que se alterou no discurso da Era Contemporânea e qual o impacto dessas mudanças nas configurações subjetivas?

Os primeiros esboços de respostas a essas questões remetem-nos a uma máxima: o discurso estável da Era Moderna do século XVIII ao XIX não serve ao homem da contemporaneidade por não lhe permitir acompanhar a contento o ritmo das transformações e o compasso dos eventos históricos. Segundo Birman (1999, p.78) *“uma transformação tão radical evidentemente balança com os modelos instituídos de subjetividade. Com efeito, numa ordem social tradicional, o sujeito é regulado pela longa duração das instituições e pela permanência quase ancestral de seu sistema de regras, que lhe oferecem segurança e quase certeza...”*.

Em contrapartida à ‘compulsão pela ordem’ e a durabilidade das instituições (família, Estado, igreja, etc.), características

centrais do *zeitgeist* Moderno, o Contemporâneo traz a volatilidade como marca incidindo na necessidade de criação de nova forma de organização para tudo aquilo outrora cristalizado. A ‘compulsão pela ordem’, característica do período Moderno, engessaria o homem Contemporâneo compelido a adaptar-se a uma realidade em que as transformações, valores e paradigmas mudam muito rapidamente. A volubilidade, a inconstância são cultuadas pelo *zeitgeist* Contemporâneo sem que haja a menor condição de ancoragem duradoura e estabilidade para o homem da contemporaneidade.

Decorre disso um efeito significativo: se outrora o mal-estar era causado pelo excessivo primor pela ordem, atualmente o mal-estar tem sido causado pela excessiva instabilidade à qual a humanidade tem sido acometida. O resultado disso é um incondicional sentimento de desamparo.

Alguns fatores têm agravado o impacto dessa transformação. É certo que o capitalismo não se origina na contemporaneidade, mas é bem verdade que é nesse período que ele cresce de forma exponencial. O modo de subjetivação baseado no espírito capitalista, que cria uma doutrina com uma filosofia e uma metafísica⁶ própria (MARX, 2007), a qual tem como princípio o lucro e a acumulação, reposiciona o homem em relação a si mesmo e ao social. Se nos primórdios do Contemporâneo houve um movimento de recuperação do homem como ser da coletividade, do social, da livre iniciativa pessoal e um resgate da individualidade, a partir de então, o que era um resgate da individualidade passa a ser uma ascensão do individualismo caracterizando-se por ser um modo de subjetivação que tem no narcisismo sua causa. O lucro, o excedente, a mais-valia, a acumulação, o consumo desenfreado, etc. são alguns traços distintivos da Era Contemporânea. A marca

disso é uma típica forma de gozo⁷ em que o circuito não inclui necessariamente o 'outro'. A conseqüência desse momento da história da humanidade é um processo em que segundo Maia (2001, p.70) “... o sofrimento psíquico ganha novos formatos, se deslocando, hegemonicamente, do campo das neuroses para as patologias do narcisismo”.

O capitalismo, através dos seus instrumentos de “produção” de discursos cria um conjunto de condicionalidades para o homem, para o coletivo e, conseqüentemente, para os sentidos da vida. A produção do discurso, como diz Foucault (2001, p.8), “é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório...”. É nesse sentido que o homem contemporâneo está compelido a organizar-se de acordo com os pressupostos crivados pelo discurso do capitalismo em quanto sistema, não somente econômico, mas, sobretudo de produção de sentidos para a vida. Em decorrência desse novo discurso verificam-se sensíveis deslocamentos de todas as ancoragens do que outrora serviu como parâmetro para balizamento da subjetivação do homem da modernidade.

Certamente tais transformações atingem o cerne do processo de constituição da subjetividade. De acordo com Kehl (2002, p.10)

“... nas últimas décadas, os discursos predominantes a respeito do que a vida deve ser têm se empobrecido gradativamente à medida que se apoiam cada vez menos em razões filosóficas e cada vez mais em razões de mercado. É que as razões filosóficas e religiosas, as grandes utopias políticas, apontam sempre para além da banalidade do nosso dia-a-dia, para um devir, uma

transformação do sujeito ou do mundo que ele habita. Ou, então, para alguma forma de gozo que ultrapasse os limites de nossa morada corporal — a contemplação, por exemplo, para os antigos; o êxtase, para os místicos; o sublime, para alguns românticos. ao passo que as razões de mercado se consomem em si mesmas, produzem repetidamente seu próprio esgotamento cada vez mais que são satisfeitas — pois sua satisfação não remete a nada além da fruição presente do objeto, da mercadoria, do fetiche.”

Decorre dessa nova produção de discurso operada pelo capitalismo o surgimento de novas formas de subjetivação. Em última análise, um discurso se torna forte quanto maior for sua capacidade de se erguer a partir de aportes e suportes institucionais bem como a partir de sua capacidade produzir verdade ou “vontade de verdade” (FOUCAULT, 2001, p.17). O capitalismo se enquadra perfeitamente em tais condições; as instituições (escolas, igrejas, família, etc.) contemporâneas foram todas tragadas pela draga do capitalismo mediante a ‘vontade de verdade’ que torna o capitalismo o discurso hegemônico na contemporaneidade.

Qual desdobramento este novo cenário cria para a constituição da subjetividade? Os destinos do desejo e a construção dos parâmetros balizadores da subjetividade na atualidade passam a dar condição para que os referenciais narcísicos assumam uma posição de destaque frente ao ‘outro’ do social, de modo que a relação entre o ‘eu’ e o ‘outro’ negligencia o registro da alteridade como princípio. Por conseqüência, onde deveria haver o respeito à singularidade do ‘outro’ do social, a diferença torna-se cada vez mais insuportável ao ‘eu’. Não é sem motivos que os principais sinais psicopatológicos dessa Era não passam pelo laço social, isto

é, onde o ‘outro’ não é referência nem de causa nem de destino. Basta ver a drogadição, o consumismo, algumas patologias do mundo do trabalho, etc. nas quais o prazer e/ou o sofrimento do sujeito não estão atravessados pelo ‘outro’ do desejo nem pelo desejo do ‘outro’.

As psicopatologias do contemporâneo deslocam-se da esfera das neuroses e adentram na esfera das psicopatologias provocadas pelo reinvestimento no ‘eu’. Nesse cenário, Birman (1999, p.85) supõe algo da ordem de uma “*exaltação dos emblemas narcísicos do eu*”, ou mesmo uma questão de “demanda de autocentramento”. Os sinais dessas transformações são consistentemente evidentes. Boa parte dos acontecimentos de maior visibilidade tanto na mídia como também na clínica aponta para isso, ou seja, o ‘eu’ ganha ascensão numa arena onde o outro não passa de mais um objeto descartável. O reinvestimento acentuado no ‘eu’ tem feito do ‘outro’ um significante sem peso, inexpressivo, ou mesmo indesejável.

Ao passo em que os códigos balizadores do laço social e dos elementos constitutivos da subjetivação sofrem um significativo deslocamento, vê-se erguer em seu lugar uma nova ética que consolida uma reversão nas estratégias de subjetivação bem como na relação entre o sujeito e o outro. Pode-se afirmar que os elementos que constituem os processos de subjetivação na contemporaneidade são crivados dos aspectos imaginários que transitam na órbita do ‘eu narcísico’. Como afirma Kehl (2002, p.25) “*diante disso, qualquer alteridade se torna ameaçadora*”.

Em síntese, a consequência mais significativa que o Contemporâneo traz para a subjetivação é exatamente o reinvestimento num “eu” vigorosamente narcísico. Certamente isso produz toda uma rede de produção de mal-estar e,

consequentemente, novos modos de constituição da subjetividade. Entretanto, o narcisismo é um velho conhecido da Psicanálise. Não é uma novidade. Em sendo o narcisismo algo familiar ao campo da Psicanálise, resta-nos investigar o que surge de diferente nos novos sintomas.

O QUE HÁ DE NOVO NO SINTOMA CONTEMPORÂNEO?

“Não sei, realmente, porque estou tão triste. Isso me enfara; e a vós também, dissestes. Mas como começou essa tristeza, de que modo a adquiri, como me veio, onde nasceu, de que matéria é feita, ainda estou por saber. E de tal modo obtuso ela me deixa, que mui dificilmente me conheço”⁸.

Vê-se no campo da literatura especializada um tenso debate acerca dos sintomas contemporâneos. Há uma tese oriunda da Psicopatologia Geral (de fundamento fenomenológico descritivo) sobre a existência de novos sintomas, como se os sintomas que se manifestam atualmente fossem completamente desconhecidos; mas, essa tese é controversa. Mesmo considerando que existem novas formas de manifestação dos sintomas, isso não permite compreendê-los como algo genuinamente ‘novo’. Há fortes indícios de que os sintomas não são novos, por assim dizer, se não, são novos modos de apresentação das já conhecidas formas de mal estar.

O que há de ‘novo’ no sintoma não é da ordem da estrutura, o novo dos sintomas contemporâneos está vinculado ao seu modo de manifestação, ou seja, ao caráter plástico. Tomando como base

o que a Psicanálise já produziu de conhecimento sobre o sintoma na condição de ser o sintoma a expressão de um conflito, o sintoma contemporâneo permanece exatamente com essa dimensão estruturante. Com Freud (Conferências XVII e XXIII, 1996) verifica-se que a compreensão do sintoma ganha um sentido radicalmente novo. O abandono da teoria do trauma como sendo a gênese do sintoma permitiu resignificar a própria concepção etiológica sobre o sintoma. Na condição de ser uma das formações do inconsciente, o sintoma — seja ele contemporâneo ou não — jamais pode ser compreendido a partir da descrição dos agentes contextuais que o precipitam, ou dos elementos ou circunstâncias desencadeadoras que os causam. É evidente que o que causa está vinculado ao contexto, mas a isso não alcança a estrutura constitutiva do sintoma. Além de não poder ser reduzido à transitoriedade da circunstância desencadeadora, a compreensão sobre o sintoma não pode ser reduzida ao modo de apresentação; em termos lacanianos (1998), isso corresponde tão somente ao envoltório formal do sintoma. Ora, uma das grandes contribuições de Lacan (1999) foi exatamente mostrar que há algo de estrutural no sujeito, tanto no sintoma como em todas as demais formações do inconsciente (sonhos, chistes, atos-falhos, etc.) e em suas modalidades de sofrimento, isso rompe com a tradição equivocada da psiquiatria clássica que não vê outra dimensão no sintoma, a não ser a dimensão plástica da aparência, fenomenológica. Não por menos, para cada novo grupo de sintomas aparentes surge a necessidade de reformulações nos manuais de classificação uma vez que a compreensão aí se dá somente em função dos aspectos descritivos do sintoma.

Desde os primórdios da psicanálise sabe-se que o sintoma em qualquer de suas formas de apresentação tem uma dimensão que se poderia dizer imutável. A propósito, sobre a natureza da mutabilidade e da imutabilidade do signo não há melhor esclarecimento que o ensinamento de Saussure. Se há na linguística uma força que compele à mudança do signo, há também uma força que preserva as leis que regem o próprio sistema linguístico. As mudanças ocorridas afetam especificamente o plano do signo, mas não alcançam o sistema. As mutações sofridas no plano da significação não alteram em nada a 'lei' da relação arbitrária entre o significante e o significado. Isto posto, é possível analisar as transformações pelas quais passam os sintomas a partir de uma analogia ao que ocorre com o signo. Assim como acontece no sistema linguístico, as modificações que incidem no âmbito do signo nem modificam a estrutura do signo nem alteram as estruturas do sistema lingüístico, por comparação a esse processo, é possível concluir que há algo de estrutural na constituição do sintoma que não é susceptível de sofrer mudanças, mesmo que haja uma nova 'roupagem' na forma de apresentação dos sintomas na contemporaneidade, as alterações produzidas atingem somente o 'envoltório formal do sintoma', isso não alcança a estrutura.

Sabe-se das muitas compreensões do sintoma em psicanálise. O sintoma como forma de manifestação de um conflito; sintoma como uma tentativa de conciliação entre forças que atuam em sentidos contrários; o sintoma como uma solução de compromisso; o sintoma como representante do desejo; o sintoma como o que constitui o próprio sujeito; o sintoma como efeito de operações estruturais dos processos primários; o sintoma como metáfora, etc. são aspectos que assumem uma função de estrutura, e nesse sentido, tem valor de 'leis' imutáveis. Dessa forma, pensar

o sintoma contemporâneo não nos permite pensar que estamos lidando com o desconhecido. Esses novos sintomas são regidos pelos mesmos princípios que já se conhece como sendo os operadores estruturais do sintoma. É plausível concluir que o sintoma contemporâneo repete e reedita a mesma estruturação há muito conhecida como sendo o aspecto estrutural dos sintomas. Sendo assim, o que há de novo no sintoma? O que há de novo não pode ser pensado, se não, a partir da aparência do sintoma.

Foi dito acima que o Contemporâneo surge com uma nova ordem de discurso; é isso que produz sensíveis mudanças no sintoma. Se o discurso e o contexto produzem mutabilidades no campo dos sintomas essa mudança atinge o sintoma enquanto fenômeno, enquanto semblante, enquanto invólucro/cilindro, enquanto envoltório. Não é difícil constatar que, sendo o sintoma neurótico é uma solução de compromisso, esta só pode ser efetivada partindo das próprias determinações da realidade e do contexto em que se manifesta. O sintoma articula o conflito psicogênico (estrutural) à realidade (conjuntural). Pelo sintoma o sujeito interage com a contextualidade.

Quando Lacan afirma que “...*nos textos de Freud, repetição não é reprodução...*” e que “a repetição demanda o novo”, é possível que estivesse falando do sintoma numa temporalidade sincrônica. Mas é possível pensar que é exatamente o estatuto do ‘novo’ o que introduz a necessidade de cortes diacrônicos. Em ambos os planos de análise, o que se repete convoca e deságua no novo. Em qualquer que seja o contexto e a era histórica, a necessidade de o ego se manter em compromisso com a realidade compele o sujeito a interagir com os discursos atuais sob pena de romper com o que lhe constitui. Intransigentemente o contexto exige que o sujeito esteja sempre em processo de atualização. Isso é perfeitamente o

que Freud (1986) escreve na carta 52 como sendo a necessidade de tradução. Como se sabe, as traduções alcançam somente a perspectiva do idioma, jamais as leis do sistema linguístico. O novo decorre da necessidade de tradução, da necessidade de contemporanizar com a língua atual, com a conjuntura, com os discursos em vigência. Isso impera tanto no sentido sincrônico da língua quanto no sentido diacrônico do discurso. Deduz-se disso que as mudanças orquestradas na aparição e aparência do sintoma não são produzidas apenas pelo ‘tempo’ Contemporâneo, mas pela própria necessidade de contemporaneização ou atualização, em qualquer que seja o momento histórico.

No cerne do argumento dos defensores dos ‘novos’ sintomas, à luz de uma certa orientação e corrente da psicanálise, está a ‘convicção’ da ‘falência do nome-do-pai⁹, conseqüentemente da função paterna¹⁰. Essa compreensão é controversa pelo que ela tem de paradigmática em relação à própria Psicanálise. Primeiramente, o lugar do pai na triangulação edípica é estruturante, a falência desse lugar (função) pode ser pensada como retrocesso ao status de funcionamento natural, ou seja, o estado anterior ao advento da cultura, de modo superdimensionado isso iria assolar a própria humanidade, o que é, em tese, impensável. Basta lembrar que em *As estruturas de parentesco* Strauss (2003) inscreve a proibição do incesto, operada pela presença de uma função paterna na tribo, como o que marca a transição da natureza para a cultura. Se essa função derroca, não há outra coisa a se esperar, se não um mergulho de volta ao estatuto do natural, sem cultura instituída. Em segundo lugar, pensar que as transformações nas configurações dos núcleos familiares, onde o pai tem gradativamente cedido lugar aos demais membros, reflete uma ‘falência’ da função, significa não considerar que a função

do pai é simbólica, não se trata de tomar a questão pelo que ela tem de realidade material. Ora, ainda que fosse verdade o declínio na realidade, como teorizou Freud (1913), ‘o pai morto é um pai mais forte’; se isso é verdade, o parricídio irá torná-lo ainda mais imperativo. Em terceiro lugar, ao contrário do que se tem dito sobre a falência das instituições, há uma instituição consolidada justamente na contemporaneidade que, embora só se possa representá-la abstratamente, possui a função e a força que reacende todas as prerrogativas de uma batuta agenciadora capaz de reger a marcação das leis Contemporâneas, assumindo a função de instância demarcadora de leis; em termos lacanianos, algo com o status de ‘nome-do-pai’ (LACAN, 2005). Esta instituição tem a denominação de ‘mercado’¹¹. Na atualidade o mercado assume a função simbólica do ‘pai’ na medida em que é ele quem determina os estatutos, as leis, os modos, a realidade. Resgatando a discussão posta acima sobre o referente externo balizador de sentido, o mercado na lógica de produção capitalista é certamente um desses elementos que possui a condição de ser um referente frente ao qual se constituem os valores e os sentidos para a subjetivação na atualidade.

Ao que se sabe, as leis do mercado são imperiosas, superlativas, intransitivas, intransponíveis. Tão forte quanto à representação de supremacia condensada e cristalizada na figura de Deus, no passado, o mercado na contemporaneidade cumpre uma função paterna sagrada, inalterável e inatingível por qualquer reles mortal. Basta dizer que as leis do mercado ditam as regras da existência na era Contemporânea. Isso implica dizer que não há declínio da função paterna; houve transmutação do objeto que a condensa. Em síntese, não há força no argumento que atesta a falência da

função paterna como a causa dos sintomas contemporâneos uma vez que a função paterna persiste. Os novos quadros sintomáticos são produzidos por outras evidências, certamente não é nada que tenha incidência nos aspectos estruturais, como a função paterna. Numa comparação aproximada com o debate sobre as mutações do sintoma na contemporaneidade, Cabas (2009) afirma que as mudanças nas vestimentas não comprometem o manequim. Muda-se de trajes por uma necessidade de adequação ao contexto, mas isso não alcança a estrutura corporal. A rigor, a roupa até pode ser a mesma que, acrescida de um novo acessório, passa a ter uma nova apresentação, uma nova aparência.

Ora, reconhecendo que a estrutura se repete, reconhecendo também que, do ponto de vista temporal (sincrônico e diacrônico), mesmo os conteúdos que se repetem apontam para o novo, considerando ainda que necessariamente o contexto exige que o sujeito se atualize, pode-se dizer que o sintoma “*é sempre e em todos os casos contemporâneo*” (Cabas, 2009, p.233). Ademais, é cabível pensar que o gozo relativo ao sintoma também é sempre contemporâneo; ou seja, “*o gozo que o sintoma engendra é contemporâneo do ser falante que ele representa (tão longe quanto o sintoma representa um sujeito para outro significante)*” (Idem).

Tomando como elemento de análise o ‘caldo de cultura’, o espírito de época ou zeitgeist contemporâneo, a marca desse momento, como dito anteriormente, é a reascensão dos valores individualistas, como que um retorno ao reinvestimento no ego. Isso é um fenômeno demasiadamente importante no que diz respeito à conjuntura para sintomas contemporâneos cujos expoentes são modos de manifestação marcados pelo narcisismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“para quem não veja senão o exterior da língua, o fenômeno único se perde na multidão de suas manifestações” (Saussure, 1996, p.109)

Os acontecimentos que marcam a recente história da humanidade tornam claro o impacto do Contemporâneo para o psiquismo. O surgimento do capitalismo, o surgimento de leis e da ética do mercado que são autocentradas, arbitrárias e totalitárias por se presumirem alcançar a todos com força irreduzível, a mundialização do mercado como uma espécie de força central, imperativa, que a todos alcança e que a todos compele, etc. são pontos de referência nos quais os sintomas contemporâneos estão ancorados. Todos esses acontecimentos na esfera sócio-histórico-cultural criam novos caminhos para o desejo.

Os sintomas ditos contemporâneos são patologias de caráter narcísicas (drogadição, consumismo, depressão, etc.) onde as formas de gozo prescindem do laço social, por vezes tornando-o indesejável.

Vale ressaltar a necessidade de novas averiguações quanto ao estudo dessas patologias uma vez que a Psicanálise, principalmente a corrente freudiana, trabalhava com a hipótese de neuroses narcísicas; como bem lembra Maia (2001) citada acima, o que se aponta atualmente é para um conjunto de patologias ‘do narcisismo’, o que não permite crer que se tratem da mesma sintomatologia descrita por Freud. Essa categoria de patologias contemporâneas se apresenta para além das configurações neuróticas. Dizem respeito a um tipo singular de sofrimento que não se enquadra numa estrutura definida, pelo contrário, não se limitam a aparecer como sintoma de uma determinada estrutura.

É propriamente o caso das adições, da violência, etc., que não se constituem necessariamente como um sintoma, mas aderem-se a determinadas características estruturais já definidas. Assim sendo, a constatação da ocorrência de sintomas marcados pelo contemporâneo não corresponde a supor a inexistência dos sintomas clássicos bem como não nos permite em nenhum caso supor que estão surgindo novas estruturas. Tanto os sintomas clássicos como as questões estruturantes continuam existindo; entretanto, o que vem ocorrendo é o surgimento de novas formas de sofrimento e mal-estar que possuem uma estreita relação com os caminhos adotados pela humanidade. No tocante a configuração dos sintomas, o ‘novo’ que surge no aspecto semiológico (nos sinais e traços sintomáticos) diz respeito ao efeito plástico, ou seja, ao modo como se apresentam. Isso não permite supor que houve modificações nos elementos que o constituem. As modificações que incidiram alcançaram o plano da aparência, ou seja, o ‘invólucro’ ou *envoltório formal do formal* do sintoma, mas não sua estrutura. Apostar num sintoma completamente novo tendo como parâmetro de análise apenas o aspecto formal e externo do sintoma é visualizar somente o “exterior” e perder de vista o “*fenômeno único*”, na vastidão e diversidade de suas ocorrências.

NOTAS

¹ Sempre escrito com letras minúsculas

² Nesse caso, o termo sempre será iniciado com letras maiúsculas.

³ Há entre os historiadores um intenso debate sobre a denominação do atual momento da história. A divisão clássica da história divide-a em quatro período:

antiga, medieval, moderna e contemporânea. Contudo, há conflitos sobre a configuração do século XX. Há os que o caracterizam como pós-moderno, mas há os que o caracterizam como radicalmente contemporâneos. John Lukacs afirma que o termo 'pós-moderno' "é impróprio e impreciso" (p.45); diz ainda que o termo 'pós-moderno' não é necessariamente 'antimoderno'. Por outro lado a utilização do termo contemporâneo é mais precisa na medida em que demarca uma ruptura paradigmática com o período anterior, qual seja, o moderno. Historiadores como Hobsbawn adotam o termo contemporâneo ou "sociedades contemporâneas" (p.36).

⁴ Este debate está posto extensamente no capítulo IV do Curso de Linguística Geral do Saussure.

⁵ Como se sabe, uma das contribuições de Lacan para o arcabouço epistemológico da Psicanálise foi a articulação com a linguística. As referências à linguagem em Lacan assumem condição *sine-qua-non*: não haveria sujeito sem a linguagem. O sujeito, como pensado por Lacan, existe na medida em que a palavra o moldou do nada. (FINK, p. 73). O discurso é, pois, o que permite ao sujeito advir a tal condição. O inconsciente é constituído pelo discurso, nesse caso, o discurso do Outro. Há, nas entrelinhas dos ensinamentos, um esboço de teoria lacaniana sobre o discurso, mesmo que ele não tenha dedicado nada em específico ao tema. Pode-se pensar que o discurso em Lacan que se trata de um modo de organização da linguagem que permite ao sujeito estabelecer relação com os significantes e com os objetos. Trata-se de um tema fundamental por definir a relação do sujeito com o inconsciente e com o desejo. Há duas perspectivas meta-analíticas de compreensão do discurso em Lacan: 1) discurso como organização da comunicação, sobretudo, da linguagem que regula as formas do vínculo social e, 2) discurso como constitutivo da subjetividade para o sujeito. Destacam-se nessa segunda acepção a noção de que: a) o inconsciente como sendo constituído pelo 'discurso' do Outro (ente imaginário); b) o Outro produtor do discurso é necessariamente um ente primitivo e social; e c) é pela linguagem, orquestrada pelo discurso, que o homem ascende à condição de sujeito.

⁶ Marx fala até em "metafísica da economia política" própria do capitalismo (2007, p.95).

⁷ O gozo é um conceito que em Psicanálise se caracteriza por ser polissêmico. Isso traz uma dificuldade particular quanto a sua conceituação. Contudo, aqui nesse

debate o termo foi usado em duas das variantes de sentido do termo caracterizando: A) como sendo o usufruto de um determinado objeto, como diz Chemama (p.90); B) o resto, o excedente, a sobra da relação com um objeto. Na perspectiva lacaniana a priori o gozo seria uma força que liga o sujeito e Outro, tornado objeto; em último caso a força que engendra a relação entre o sujeito e o objeto, mesmo que esse objeto seja o 'eu' narcísico, como se caracteriza nos sintomas contemporâneos.

⁸ Assim diz Antônio, mercador de Veneza, ao expressar seu mal-estar a Salarino e Salânio.

⁹ O nome-do-pai é uma designação dada por Lacan significando o reconhecimento de uma função simbólica, circunscrita no lugar de onde se exerce a lei (DOR, 1998, p.92). Desde Freud o pai passa a ser uma função simbólica considerada estruturante para a constituição do sujeito, seja porque é a pedra angular sobre a qual repousam os dois principais complexos (Édipo e castração) pilares da instância superegógica, seja porque tem o status de um 'significante mestre' frente ao qual os demais significantes passam a obter seus respectivos valores. Em todo caso, "a função paterna constitui um epicentro crucial na estrutura psíquica do sujeito (DOR, 1991, p.9).

¹⁰ Na psicanálise de orientação lacaniana a função paterna ocupa a centralidade da estruturação da psique do sujeito. O pai aqui referido é diferente da concepção cotidiana de um pai encarnado numa figura humana, agente da paternidade comum. A função paterna é uma alusão a um operador simbólico (DOR, 1991, p.13). O Pai, na condição de uma entidade eminentemente simbólica é um significante que, como tal, agencia a ordenação psíquica. Sendo assim, o Pai é uma metáfora, cuja significação pressupõe ser o significante que inscreve a lei, o referente frente ao qual os demais significantes adquirem valor e sentido. Desse modo, Lacan passa a usar a metáfora do "nome-do-pai" ou da "função paterna" fazendo alusão a tudo que exercer a função de inscrever a "lei", sempre considerando que essa ação é determinada por um agente fálico. Esse é um esquema marcadamente simbólico, sem qualquer dependência de uma correlação com um representante personificado.

¹¹ Seguindo a lógica de que o "nome-do-pai" corresponde a um significante capaz de inscrever uma lei "simbólica", nesse sentido o mercado passa a ocupar a função paterna na medida em que na práxis do capitalismo é exatamente ele, o mercado, o que "dita" as condições de usufruto e gozo. As 'leis do mercado' são as balizas

contemporâneas que regulam a relação do sujeito com os objetos e determinam as possibilidades de laços sociais. Sendo assim, o mercado assume metaforicamente a condição de “nome-do-pai” para a contemporaneidade uma vez que passa a ser o ente responsável por inscrever ‘leis’, sentidos e valor para as coisas. Dai decorre sua ‘função paterna’.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. *Mal-estar na Atualidade: a Psicanálise e as Novas Formas de Subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p.85.

CHEMAMA, Roland. *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre: Laurosse/Artmed Sul, 1995.

DOR, Joël. *O pai e sua função em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

DOR, Joël *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Tradução Carlos Eduardo Reis. Porto Alegre: Artmed, 1989.

FREUD, Sigmund. (1886) Carta 52 a Fliss. v. I. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Edição eletrônica STANDARD Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1913). *Totem e Tabu*. v. XIII. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Edição eletrônica STANDARD Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1914) *Recordar, repetir e elaborar*. v. XII. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Edição eletrônica STANDARD Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1916-1917). Conferência XVII: *O Sentido dos Sintomas*. v. XVI. *Obras Completas de Sigmund Freud*.

Edição eletrônica STANDARD Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1916-1917). Conferência XXIII: *O Caminho da Formação dos Sintomas*. v. XVI. Obras Completas de Sigmund Freud. Edição eletrônica STANDARD Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

GOLDINO CABAS, Antonio. *O sujeito na Psicanálise de Freud à Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

HOBBSAWN, Eric. *Sobre a História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KEHL, Maria Rita. *Sobre a ética e Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LACAN, Jacques. (1955-1956). *O Seminário, livro 4. A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LACAN, Jacques. *Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos escritos*. In Faló: Revista Brasileira do Campo Freudiano. Ano II, n. 2, jan.-jul.1998.

LACAN, Jacques. (1957-1958) *O Seminário, livro 5. As formações do inconsciente*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. (1964). *O Seminário. Livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. (1949) Petrópolis: Vozes, 2003.

LUCAKS, John. *O fim de uma era*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MAIA, M. S. *Um Tapete Vermelho Para a Angústia: Clínica Psicanalítica e Contemporaneidade*. Percurso: Revista de Psicanálise. Ano XIV, n. 27. Instituto Sedes Sapiência. São Paulo: Segundo semestre de 2001.

MARX, Karl. (1847) *A Miséria da Filosofia*. São Paulo: Escala, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. Tradução Bras. Antônio Chelini *et al.* 19 ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

SHAKESPEARE, William. 'O Mercador de Veneza' de. Ato I, cena I. Edição eletrônica de Ridendo Castigat Mores www.jahr.org. Versão para eBook, www.eBooksBrasil.com Agosto 2000.